

{ Com paciência, o hexa na TV digital }

Publicado em 05.setembro.2004.

por **Silvio Meira**

Mauro Oliveira tem histórias pra contar. Secretário de Telecomunicações do Ministério das Comunicações, Mauro tem um doutorado em redes de computadores mas não é exatamente por causa disso que entende das ditas coisas, nem é o diploma, sozinho, que lhe dá a autoridade que tem para discutir conexões, principalmente no nosso, no terceiro mundo, no mundo dos quase-todos-desconectados (e alguns-muito-bem-conectados). Um dia, perdido nos arredores de Paris fazendo doutorado, resolveu conectar a comunidade de alunos de pós-graduação brasileiros que, em redes pré-internet, se haviam de todos os poucos modos que permitiam conexão para manter um pouco do pé e do juízo no Brasil. E, na BrasNet, que passava por mainframes do tempo do ronca, montou uma rádio histórica, a RUI (Rádio Uirapuru de Itapipoca), completamente virtual, em ASCII, mas onde até sincronia havia: bastava combinar que todo mundo fizesse a mesma coisa, na mesma hora, no mundo inteiro. E vez por outra dava certo.

Mauro é um sonhador, um brasileiro, um bon vivant, um homem do povo, um democrata. Juntando tudo isso, um dia, num vôo Recife-Bruxelas, em dia de carnaval (ninguém descobriu, ainda, como - logo com ele - isso aconteceu, de estar num avião indo pro frio numa segunda de Momo), Mauro e seu (então inseparável) atabaque começaram uma festa no céu. No começo, foi aquela farra. Depois de um tempo, tinha gente querendo menos barulho do vôo "do frevo". Mauro - e a tripulação, convencida por ele - não deixou por menos: vamos decidir no voto... Ganhou a farra e o dia (a noite...) deve ter entrado na história da aviação comercial.

Nas muitas perguntas abaixo, Mauro Oliveira, sem nenhum controle, edição ou correção, falando como fala ao vivo e em suas muitas cores, sobre tudo o que tem passado por sua frente nestes poucos meses de Ministério, desde TV digital a FUST. Se todos os homens, de todos os governos, fossem mais como Mauro, o mundo inteiro, decerto, estaria muito mais em paz consigo mesmo.

meira.com: Mauro, a vida parece ter mesmo muitos caminhos, que levam a destinos impensados; como foi a viagem da Rádio Uirapuru até o Minicom? Não havia nenhum plano, que eu soubesse...

Mauro Oliveira: Grande Silvio! Sua pergunta veio como uma bomba "rasga lata", embriagando minha memória cinquentona em lembranças de adolescente. A "viagem" a que você se refere foi meio Drummoniana, onde as pedras no meio do caminho foram chutadas, longe, lá acolá, com meu fonabor Conga!. Agora que você perguntou, vejo que a RUI (Rádio Uirapuru de Itapipoca) e a chegada ao Minicom são marcadas pelo inusitado e pela esperança. Pelo inusitado porque jamais passaram por um planejamento em minha carcaça cefálica de 1 palmo quadrado. Pela esperança, dada o desafio da realização de sonhos. Já na RUI, você lembra, o tema era Educação para todos. No Minicom um dos desafios é Internet Banda Larga para todos.

É no mínimo curioso, no entanto, que tendo começado, há tanto tempo, uma "rádio na rede", você esteja hoje num lugar que no passado só cuidava quase de coisas que pareciam com rádio mas que hoje quase só se preocupa com coisas que parecem com "rede"? Rádio e Rede são marcas na sua vida, não?

Como reconhecia Guy Pujolle, meu orientador nos anos 90, a RUI como uma metáfora na lista eletrônica BRASNET, numa época de Internet sem WWW, era um fenômeno de comunicação. Fizemos até uma quadrilha junina virtual. O que o Pujolle não compreendia, nem poderia, era toda uma energia que circulava nesta "rádio na rede", que ia ao ar toda sexta-feira em que o coração apertava com saudade da Praia de

Iracema, quando só um "Vin de Table" aliviava. Havia um acreditar no Brasil em nosso sarau eletrônico. Havia um desejo explícito daquele país de Gonzaguinha que "deveria ser bem melhor e será". Havia um sonho compartilhado em nossas bobagens, insistido nas brincadeiras, sinergizado nas ondas da RUI, de seus personagens (DJ, Maria Cabaço e Agnaldo, o gaúcho Mui Macho). Um sonho que marcou muitas cabeças... a minha e das minhas Carolinas, com certeza...

Qual é seu atual elenco de preocupações?

Você continua um cabra esperto, Silvio! Primeiro "desmantela" a gente pra depois "abusar". Tenho resistido a qualquer análise mística desta missão no Minicom. Mas não tenho escapado de uma avaliação holística, que seria até piegas dizer em outro espaço. Já que você provocou, agüente o tranco: Tirante o dever de ofício regimental da secretaria, a curto prazo (todo dia) penso na tal da Inclusão Digital; a médio prazo tem o Sistema Brasileiro de TV Digital que "ou dá certo ou... dá certo" (tem muita coisa em jogo além da "ponta do iceberg"). A longo prazo, no final do Governo Lula, espero que a secretaria tenha contribuído para colocar as telecomunicações brasileiras no cenário internacional, exportando tecnologia, um ícone a exemplo de Embraer, Petrobrás, Embrapa, etc.

Quão grande e importante é a universalização de acesso às redes (de voz, dados) no país?

Bem GRANDÃO. Do tamanho do próprio nome: UNIVERSALIZAÇÃO. Mas ela não é tudo, não se esgota em si. Como todos os educadores bem o sabem, ela é apenas condição para a revolução digital que só acontecerá, verdadeiramente, pela educação. Escrevi há 10 anos que a Internet e seus derivados poderiam passar à história como a tecnologia contemporânea socialmente mais injusta, paradoxalmente pela potencial que ela teria em democratizar esta sociedade. Relatórios recentes da UNESCO indicam que o mundo ficou mais desigual e a Internet, ou melhor, a sua prioridade elitista, é uma das responsáveis. E pior, com a convergência de mídias que vemos acontecer, o disparate tecnológico no fosso social de países em desenvolvimento funciona como um fermento, agravando o problema de forma não linear, permitindo a "mão visível" do mercado de Adam ceifar esperanças de se ter uma sociedade com justiça social. Temos que agir, e rápido!

Qual é a estratégia - ou pelo menos a parte dela que pode ser tornada pública - do Minicom para equacionar o problema de inclusão digital? Onde está o FUST na equação?

Uma Inclusão Digital, com letra maiúscula, pra valer mesmo, teria que seduzir a sociedade brasileira, assim como Ronaldinho seduz o Haiti. A complexidade se dá em vários níveis, desde o problema estrutural do desnível sócio-econômico da sociedade brasileira, passando por seus preconceitos, vaidades e outros "bichos" de difícil modelagem. Mas encontrar mecanismos eficientes que vençam estas barreiras é um dos nossos desafios. Quanto ao FUST, ele se encontra ainda sob a tutela da ANATEL. Não será tarefa muito fácil "gastá-lo", dada a sua vulnerabilidade legal. No entanto, "utilizá-lo é um desejo do governo, um direito do povo, uma necessidade da nação". Todo dia eu repito este mantra!

No começo de 2004, a ANATEL iniciou a consulta pública sobre um novo serviço (o SCD) que pretendia ser o braço operacional do FUST. Houve muitas audiências, centenas de intervenções da comunidade e, pelo menos ao que se sabe, nada mais. Qual é o status do momento, quando uma grande parte dos atores, fora do governo, parece achar que nem os recursos do FUST parecem estar assegurados, pois estariam na mira do "superávit fiscal"?

Falei que estou resistindo ao máximo para não ser místico nesta missão no Minicom. Mas, aqui pra nós, sinto que teremos novidades em 2005. Meu sentimento é que encontraremos uma saída política para o imbróglio legal que tem dificultado o uso do FUST nas tentativas anteriores. Quanto ao argumento do "superávit fiscal", este não é maior do que o desejo e a visão do Governo Lula em usar eficientemente o FUST. O Ministro

Eunício Oliveira tem demonstrado muito competência em causas complexas. Acho que ele vai surpreender a sociedade, novamente.

Num mundo ideal, será que a LGT - e alguma parte de suas regulamentações - não teria que ser modificada para acomodar soluções menos complexas para o problema da inclusão digital? Há espaço político - e tempo - para uma tentativa destas, neste governo?

Há um Projeto de Lei em tramitação que reflete este pensamento. Achamos que compete ao MC formular e executar políticas de governo na área, tais como a Inclusão Digital. Às agências compete a importante tarefa de regulação e incentivo à concorrência com vistas ao benefício do usuário dos serviços públicos ou não de telecomunicações.

Falando em tempo, estamos em tempo de TV digital. Depois de muita espera e controvérsia, há um edital aberto, e quase 80 grupos credenciados para executar partes da pesquisa, desenvolvimento e inovação que levariam a um possível modelo de referência para a TVD no Brasil. Qual é a sua definição preferida para televisão digital e qual a importância que o Minicom dá, no momento, a este esforço?

Tem havido um "barruada" semântica quando se fala no Sistema Brasileiro de TV Digital (SBTVD). Didaticamente, com a vênua dos engenheiros, digo que o SBTVD é constituído de modelos (de negócios, o político, o social, o tecnológico, etc). Já o modelo tecnológico é formado por vários padrões em camadas (modulação, transporte, compressão, etc). O que se busca é um sistema verde-amarelo, com modelos adaptados à realidade brasileira, com padrões a serem desenvolvidos, parte deles adaptados ou até mesmo adotados. Esta salada não é diferente nos modelos internacionais existentes, que possuem alguns padrões comuns (como MPEG-2). O que acontece é que estes modelos não consideraram em suas concepções a questão da interatividade no contexto da Inclusão Digital, relevante para a realidade brasileira.

O que o projeto brasileiro de TVD tem a ver com inclusão digital? A aposta seria na massificação das redes digitais pela telinha, ao invés dos PCs?...

O Brasil tem peculiaridades que criam uma oportunidade histórica de desenvolvermos um sistema que contemple o quesito Inclusão Digital. Temos 90% dos lares com TV aberta (terrestre) gratuita, contra 10% de acesso da população à Internet. Nos EUA, por exemplo, a TV é predominante por cabo e Internet é um assunto totalmente à parte. Há, efetivamente, uma oportunidade de desenvolvermos um sistema adequado a esta realidade brasileira. O Ministro Eunício Oliveira resolveu convocar a "inteligência nacional" para responder a este desafio. Costumo dizer, trocando meu "chapéu" de governo pelo "chapéu" de pesquisador, que ficaria insatisfeito se o país não nos desse, a nós pesquisadores, esta oportunidade.

Quais os passos que estão planejados para que não só a comunidade de especialistas nas tecnologias da TVD participem do processo, mas também os produtores e distribuidores de conteúdo, fabricantes diversos, redes, TVs abertas e fechadas... já que o modelo de negócio do setor é pelo menos tão importante quanto as tecnologias que o habilitam?

Excelente pergunta. É por isso que eu gosto de ser entrevistado por amigos! Temos aberto o Comitê Gestor a qualquer entidade, ou pessoa física, que tem nos procurado com alguma idéia, sugestão ou questionamento. Em todas as oportunidades, palestras ou reuniões, temos conversado com a academia, estudantes, operadoras, empresas etc. Mais recentemente realizamos, com sucesso, reunião com o conselho consultivo do SBTVD, constituído por 23 entidades representativas. Demos um mini-curso para jornalistas com o objetivo de ajudá-los a melhor compreender o "imbróglio" semântico a que me referi anteriormente. Temos percorrido várias capitais com palestras sobre o tema. A orientação do ministro é ouvir a toda a sociedade e, em especial, o conselho consultivo do SBTVD.

Como estão sendo (ou vão ser) estudados os possíveis modelos de negócio, para os mais diferentes atores, desde as redes de TV e produtores de conteúdo, até os fabricantes, no cenário que está por vir?

Temos consciência da importância do modelo de negócio. Portugal, por exemplo, embora usando o DVB (modelo europeu), não conseguiu motivar a migração (usuários/patrocinadores) para a TV Digital. A expectativa brasileira é de que no dia 10 de março de 2005, conforme o decreto, tenhamos um modelo de referência do SBTVD que responda, dentre outras, a questões relativas à definição do modelo de negócio.

A "sopa de letrinhas" de televisão digital, mundo afora, tem sua propriedade intelectual associada, hoje, a grandes conglomerados internacionais, no que tange à codificação de sinal de áudio e vídeo, transmissão e recepção, etc. Qual a importância do esforço nacional atual, no campo de TVD, para o futuro do entretenimento (digital, e sua indústria) no Brasil, isso quando a tecnologia de set top boxes para TV digital está inteiramente dominada por empresas que podem fabricá-los a US\$50 a unidade?

No mercado São Sebastião, em Fortaleza, quando o "cabra" é ignorante no assunto, acaba pagando mais caro pelo produto. Inspirado nesta logística alencarina, penso valer a pena dominarmos o assunto mesmo que tenhamos que adotar em nosso modelo padrões de baixo nível (modulação/transporte/compressão) existentes, seja por questão tecnológica ou de escala. Com conhecimento de causa, a negociação se trava em outro patamar, tem dito repetidas vezes o nosso ministro. Estamos firmes quanto ao propósito político-tecnológico do SBTVD.

Ou seja: na sua opinião, não estamos derrotados. Um outro jogo, com outras regras, está começando agora.

"Nasci, tou pronto pra morrer!". Este lema jocoso do Telemídia, laboratório do Luiz Fernando (PUC-Rio), ajuda a expressar a paixão pela causa, a manutenção do sonho, a determinação em vencer. Estamos longe da derrota. Alias, não "conjugamos" este substantivo no ministério. A existência do SBTVD e o seu fortalecimento nas últimas semanas justifica nosso otimismo: a Carta de Campinas, contendo o apoio dos pesquisadores envolvidos, o entusiasmo do Comitê Consultivo na última reunião, e a satisfação dos jornalistas especializados com o mini-curso e as explicações sobre o assunto. A quem interessa e a quem não interessa o sucesso do SBTVD? Esta pergunta tem que ser constantemente feita. Principalmente por aqueles que estão do mesmo lado, compromissados com o destino tecnológico e, por conseguinte, social do país.

Daqui a quanto tempo se pode esperar, com alguma margem de certeza, que o Brasil tenha definido um padrão para TV digital? E quanto tempo mais levaria para que tivéssemos redes digitais abertas operando no país?

Como disse, estamos na fase 1 que termina no dia 10 de março de 2005, quando há uma forte expectativa de que tenhamos o modelo de referência do SBTVD. Este modelo define os rumos do nosso sistema, ou seja, responde as principais questões para o modelo de negócio a ser adotado pelas operadoras e indústria. Segue-se a fase 2, a da implementação deste modelo, cujo tempo depende do compromisso entre recursos alocados e a "completude" que se quer obter do modelo definido. Este compromisso resulta, naturalmente, de uma leitura/decisão política. Acredito, sim, que vamos assistir o HEXA pelo SBTVD.

Como o esforço do país em TVD se articula com a nova política industrial? Haverá parceiros internacionais no projeto?

A idéia é de uma articulação total com o setor produtivo. O nosso modelo de TVD tentará conciliar aspectos técnicos, adaptados à nossa realidade, e a viabilidade econômica de sua implementação. O ministro Eunício

Oliveira tem origem na iniciativa privada, o que facilita sobremaneira a postura do governo nesta direção. Em termos de parceria internacional, é cedo ainda para uma resposta definitiva. No entanto, temos conversado com representantes dos chamados padrões internacionais e nos reunidos com parceiros do Mercosul. Estamos também procurando conversar com a China.

Que importância será dada ao conteúdo brasileiro neste cenário? Na hipótese de haver um padrão brasileiro de TV que não esteja em consonância com os mercados internacionais - se é que tal possibilidade existe, qual poderia ser o impacto para os produtores nacionais de conteúdo?

O conteúdo brasileiro tem reconhecimento internacional. Somos exportadores para vários países. Fazemos parte do restrito clube dos países em que os horários nobres são ocupados pela produção nacional. Por estas e outras razões, a questão do conteúdo tem merecido nossa atenção, tendo inclusive motivado a formação de uma câmara específica no comitê gestor do SBTVD.

Assumindo que o mercado de conteúdo será sempre maior que o de infra-estrutura para sua criação, transmissão e recepção, qual é o risco da escolha que o Brasil venha a fazer, no caso dos últimos, prejudicar a competitividade do primeiro, tanto no mercado local como internacional?

Dado meu estilo de virginiano-otimista prefiro raciocinar com a hipótese de que a Inteligência Nacional, chamada pelo ministro Eunício para a definição do SBTVD, será capaz de responder afirmativamente a este desafio, evitando qualquer prejuízo de competitividade desta natureza.

Levando em conta que esta geração de TVD, do ponto de vista tecnológico, já está estabelecida no mundo, o que deveríamos começar a fazer - talvez ao mesmo tempo do esforço atual - para participarmos de igual para igual, e ao mesmo tempo, na próxima geração de TV digital?

Como diz o Plínio Aguiar, nosso diretor de C&T e coordenador do comitê gestor do SBTVD, ainda não se tem notícia de manifestação nas ruas do tipo "TV Digital Terrestre Já". Mesmo nos países detentores dos modelos internacionais, não há esta "neurose". As pressões para uma definição rápida do SBTVD são legítimas por parte de alguns atores do processo. Compete ao governo tentar convencer, e o Minicom vem fazendo isso com frequência, esses atores da oportunidade rara que se nos apresenta, nossas motivações pragmáticas já citadas e, portanto, da racionalidade na decisão de se instituir o SBTVD.

Pra terminar, falando em rádio, de novo: rádio digital é uma realidade, de muito alta qualidade, em boa parte da Europa. Na Alemanha, inclusive, com o mesmo espectro sendo usado para transmitir TV digital experimental, em banda bem mais estreita que a TVD comercial. Quando vamos começar, também, um projeto de rádio digital?

Por solicitação do senhor ministro, já iniciamos estudos neste sentido. Esta tarefa está sob a responsabilidade do Dr. Augusto Cesar Gadelha Vieira (UFRJ). Ele substituirá no Departamento de C&T o Plínio Aguiar, nomeado para o conselheiro da ANATEL.

Perguntei no início pelos projetos. Quais são seus sonhos a curto, médio e longo prazos, e "o que já valeu"?

Meus sonhos confundem-se com os projetos citados. Não tem como não repeti-los. Estão a flor da pele. Acordamos e dormimos com a quase obsessiva mania de Inclusão Digital. Como ajudar a colocar banda larga em todas as escolas, URGENTE, virou um desafio na secretaria. A médio prazo nos namora o simbolismo que tem o SBTVD. Tem muitas competências em jogo, em especial a arte de convencer a maioria de que "estamos do mesmo lado" neste projeto de estado que é o SBTVD. Tenho dito em palestras que o sucesso do SBTVD poderá ser o primeiro degrau para o Brasil ser, num futuro próximo, também um ícone internacional em telecomunicações. Exportar tecnologia em telecomunicações é um sonho possível.

Basta orientar os vetores na área, hoje dispersos nos centros de pesquisa brasileiros, e sintoniza-los melhor com os empresários. Achamos que este papel indutor é uma tarefa do governo e temos investido muitos neurônios em tal empreitada.

E o que já valeu?

A experiência adquirida nestes três meses a frente da secretaria tem nos permitido acreditar que os sonhos acima são possíveis. Temos ouvido isso da academia, do mercado, e de colegas do governo. Valeu saber que não estamos sonhando sozinhos. É bacana falar o que disse nesta entrevista em palestras e ver os cangotes acenando concordativamente. A tarefa não é simples. Requer, no entanto, um pouco de paciência e, principalmente, acreditar no que diz o Câmara Cascudo sobre este povo criativo, competente e charmoso: "o melhor do Brasil é o Brasileiro"...

por **Silvio Meira** _____